

## A invisibilidade das “artes musicais” candomblecistas na Academia

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO TEMÁTICO

ST 5 - Música e pensamento afrodiáspórico

*Ferran Tamarit*  
Egresso PPGM/UNIRIO  
*ferran.tamarit@edu.unirio.br*

**Resumo.** Nesta breve comunicação realizo três levantamentos não-exaustivo partindo de bases de dados referentes a revistas especializadas, agências governamentais e eventos acadêmicos ligados à pesquisa em música no Brasil para constatar a falta de espaço e o aparente desinteresse por abordagens comprometidas e profundas em volta do candomblé e das suas “artes musicais” – especialmente quando referidas à sua dimensão sonoro-instrumental. Frente a isso, proponho investir na construção de espaços de diálogo plurais e diversos, protagonizados por aqueles e aquelas que vivem, zelam e performam esses universos, assim como advogo pela constituição de quadros docentes e discentes que reflitam e expressem de forma justa a real diversidade das nossas sociedades.

**Palavras-chave.** Candomblé, Artes musicais, Invisibilização, Tambor, Pluriversalidade.

### The Invisibility of Candomblecist “Musical Arts” in the Academia

**Abstract.** In this brief communication, I carry out a non-exhaustive survey based on databases referring to specialized magazines, government agencies and academic events related to music research in Brazil, in order to verify the lack of space and the apparent lack of interest in committed and profound approaches around candomblé and of their “musical arts” – especially when referring to their sound-instrumental dimension. Faced with this, I propose to invest in the construction of plural and diverse spaces for dialogue, led by those who live, care for and perform these universes, as well as advocate for the constitution of teaching staff and students that reflect and express in a fair way the real diversity of our societies.

**Keywords.** Candomblé, Musical Arts, Invisibility, Drum, Pluriversality.

## Introdução

O resultado da implantação sumaria do eurocentrismo como a única matriz de conhecimento válida – fruto da persistência na organização social de dinâmicas coloniais e da devastadora ação do racismo/sexismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2016) – levou a uma geo(corpo)política que localiza no centro do debate o conhecimento produzido por/para o mundo ocidental, por/para corpos normativos e escrito nas línguas imperiais-hegemônicas, relegando à categoria de superstições e/ou saberes locais ou subjetivos tudo aquilo que não se

encaixa nesta classificação. Frente a esse quadro, existem diversas correntes críticas – entre as quais destaco os movimentos feministas negros norte- e latino-americanos – que vem denunciando veementemente a pretensão dos saberes e corpos ocidentais se quererem atópicos, não localizados e universais – refletindo, em realidade, uma agenda e uma política de interesses branco-ocidental e cis-heteropatriarcal que, a partir de um “pacto narcísico”<sup>1</sup> (BENTO, 2002) procura manter e reproduzir um quadro de privilégios e vantagens que, em conjunto, acabam por tornar o espaço acadêmico um local de produção e reprodução de violências de diversas sortes, tanto físicas quanto simbólicas:

Quando eles falam é científico. Quando falamos é não científico. Universal / específico. Objetivo / subjetivo. Racional / emocional. Imparcial / parcial. Eles têm fatos, nós temos opiniões. Eles têm conhecimento, nós temos experiências. (KILOMBA, 2019, p. 52)

É em razão disso que podemos entender essa “política de interesses” como um privilégio da branquitude pois em países outrora colonizados e branco-supremacistas como o Brasil, há um complexo sistema de exclusões que articula o âmbito acadêmico e institucional na reprodução e perpetuação desses privilégios, o qual se organiza a partir do sistema de classificação racial que se encontra na base das principais instâncias de legitimação social na nossa sociedade. De fato, a brancura e a branquitude emergem como modelos de validação na composição e seleção dos seus quadros e temáticas desde uma perspectiva exclusivista e oposta à real diversidade que integra nossas sociedades. Assim,

contrário ao pensamento de que o racismo é uma ideologia ou uma superestrutura derivada das relações econômicas, a ideia de “colonialidade” estabelece que o racismo [...] é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper-humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano) (GROSFUGUEL, 2019, p. 67).

---

<sup>1</sup> Maria Aparecida Bento (2002, p. 7) descreve a branquitude em função desse “pacto” implícito: “[a] branquitude como preservação de hierarquias raciais, como pacto entre iguais, encontra um território particularmente fecundo nas Organizações, as quais são essencialmente reprodutoras e conservadoras”.

Portanto, somente quando racializamos nossas discussões e debatemos criticamente os efeitos combinados do racismo nas suas dimensões epistêmica e ontológica, fica claro o porquê dessa ausência maciça de corpos não-branco-normativos nos espaços de decisão e produção do conhecimento, assim como a incessante tutela intelectual exercida a partir de quadros gestores preferencialmente brancos pouco (ou nada) comprometidos com as agendas e interesses das populações e epistemes minorizadas (mas não por isso minoritárias) – notadamente negras e pindorâmicas, LGBTQIA+, pobres, periféricas etc<sup>2</sup>. Como “objetos” de (ou para a) pesquisa, até bem pouco tempo atrás nunca foram agentes capazes de se autorrepresentar nesses espaços institucionalizados de produção do conhecimento, dos quais foram e continuam sendo majoritariamente excluídos.

No campo do ensino e da pesquisa musical, essa exclusão e invisibilização – até bem pouco tempo atrás, mesmo questionada, relativamente generalizada – se traduziu na quase virtual ausência nos currículos e quadros formativos de instrumentos, corporeidades, sonoridades e – o que é ainda pior – de quase nenhuma referência musicológica afrodescendente ou afrorreligiosa. Como espaços ainda fortemente marcados pela reprodução muitas vezes acrítica desse cânone normatizado da música de *concerto*, as instituições de ensino musical permanecem, em sua maioria, “cegas” e “surdas” a respeito da real diversidade musical brasileira, especialmente quando tratada para além dos meros repertórios e entendida como pluralidade e potencialidade epistêmica, política e teórico-musicológica. De fato, segue predominando (mesmo de forma velada) uma concepção dessa música de *concerto* com a “música de verdade”, a “música em maiúscula” ou aquela que melhor representaria o cume da intenção composicional verdadeira e “genial” da arte contemplativa ocidental (e por extensão, diante do cânone eurocêntrico, da Arte em genérico). Assim, nessa operação sinédótica e certamente míope, são desconsiderados os recursos e conceitos próprios daqueles espaços e corpos-território não branco-normativos – os quais, quando enxergados, são levemente forçados a se encaixar compulsória e exclusivamente nos regimes de representação e nos arcabouços teórico-metodológicos e conceituais euro-ocidentais.

---

<sup>2</sup> É importante destacar o esforço por evidenciar as desigualdades e problemáticas em relação às pesquisas em volta dos sujeitos, comunidades e culturas negras e indígenas. Assim, nas últimas décadas emergiu a categoria da *branquitude* (acadêmica) como um marcador racial que permite contextualizar a pulsão histórica que leva a pesquisadores brancos (como o meu caso) a adentrar e produzir estudos sobre “outros” minorizados na estrutura sociorracial brasileira. Mesmo não podendo aprofundar esta indispensável discussão para compreender a nossa realidade enquanto acadêmicos, vale aqui recomendar a leitura dos importantes trabalhos de Cida Bento (2002; 2022), Lourenço Cardoso (2020; 2022) e os compêndios organizados por Müller e Cardoso (2017) e Schucman e Ibirapitanga (2023), entre outros.

## A invisibilização das “artes musicais” candomblecistas: três exemplos

Perante tudo que foi exposto até aqui e no intuito de contextualizar e dar conteúdo empírico ao argumento que estamos construindo, conduzi – durante minha pesquisa de doutorado – um pequeno exercício de revisão documental na base de dados de teses e dissertações da CAPES<sup>3</sup>, ou seja, entre os trabalhos publicados (mestrados e doutorados) em instituições públicas brasileiras de ensino superior. Assim, no dia 25 de janeiro de 2022 a consulta retornou um total de 1298 resultados válidos entre todas as áreas do conhecimento codificadas no sistema<sup>4</sup>, das quais 118 estavam relacionadas ao que poderíamos considerar as “artes musicais”<sup>5</sup> candomblecistas – ou seja, envolvendo o que no ocidente fragmentamos como música, dança, canto, teatro, artes visuais e artes cênicas – e correspondendo ao 9,10% do total.

Numa segunda etapa, procurei entre esses 118 trabalhos aqueles relacionados diretamente à dimensão sonoro-musical do candomblé (canto e *toque*) e encontrei 43 resultados (representando o 3,31% do total). Finalmente, procurei também por trabalhos que abordassem mais especificamente a performance instrumental, ou seja, aquilo que está sendo tocado (e não somente cantado/recitado/declamado) e esse número caiu para 20 trabalhos (correspondendo aproximadamente ao 1,54% do total dos trabalhos).

Obviamente, trata-se de um exercício circunscrito e claramente não exaustivo pois poderíamos citar, além desses trabalhos de conclusão de curso em instituições públicas, diversos estudos importantes realizados em instituições fora do Brasil ou até estudos realizados no âmbito da pesquisa em instituições privadas. Haveria ainda os muitos trabalhos publicados em forma de livros ou artigos de circulação mais geral ou fora do âmbito estritamente acadêmico – muitos deles canônicos no campo – entre os quais caberia citar, entre outros: HERSKOVITS, 1944; ALVARENGA, 1946; HERSKOVISTS e WATERMAN, 1949; MERRIAM, 1956; BÉHAGUE, 1976; BÉHAGUE, 1984; CARVALHO, 1984; CARVALHO, SEGATO, 1987; CARVALHO, 1993; LODY; SÁ, 1989; LÜHNING, 1990; BARCELLOS,

<sup>3</sup> <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

<sup>4</sup> Foram usados os descritores seguintes, sem especificar acentos diacríticos: “candomble” “atabaque” “tambor” “religioses afro-brasileiras” “religiao afro-brasileira” “matriz-africana” “musica ritual” “percussao ritual” “ilu” “religioses afro-descendentes” “religiao afro-descendente”. A pesquisa retornou 1473 resultados, dos quais 175 foram retirados por corresponder a cruzamentos errôneos (claramente não relacionados com o universo das religiosidades afro-brasileiras).

<sup>5</sup> Conceito África-centrado – oposto ao cartesianismo euro-centrado – proposto pelo prolífico artista-pesquisador nigeriano Meki Nzewi (1997) que situa o tocar, o cantar, o dançar e a dramatização em um universo conceitual em que cada um deles tem papéis iguais ou equivalentes.

1998; OLIVEIRA, 2007; GUERRA-PEIXE, 2007; BÉHAGUE, 2008; BARROS, 2009a e 2009b; BENISTE, 2012; SANTOS, 2014; ou CALABRICH; SILVA; YAÑEZ, 2017 entre muitos outros<sup>6</sup>. De forma parecida, poderíamos considerar ainda nessa lista registros históricos como os realizados por Mozart Camargo Guarnieri (1937), Melville Herskovits (1941-42) ou Simone Dreyfus-Roche (1951) (LÜHNING, 1990b), além de muitas outras gravações contemporâneas.

Entretanto, faz-se necessário apontar que o presente estudo de caso visa poder construir e embasar nossa principal hipótese – a saber, que existiria um “lastro” ou certo impacto das dinâmicas raciais/coloniais no âmbito acadêmico formal que se expressa, entre outras, na falta de interesse e recursos destinados à pesquisa sobre o candomblé e suas artes musicais a partir de abordagens musicológicas afrocentradas. Assim, mesmo que forme parte da dinâmica de discussão nas instâncias formativas de nível superior tecer críticas e considerações ao dialogar com trabalhos de predecessores e colegas, deve ficar claro que não é nosso objetivo desestimá-las, pois mesmo que possam conter abordagens, metodologias ou afirmações questionáveis, correríamos o risco de contemporizá-las ou subestimar seu pioneirismo e a potencial falta de recursos com que muitos deles foram conduzidos. É justo assumir, portanto, que entre erros e acertos, muitos dos nomes e trabalhos aqui citados, mesmo que sempre criticamente abordados, foram e são referenciais para nossas pesquisas – inclusive a minha própria.

Feita essa ressalva, seguem os vinte trabalhos relacionados à dimensão instrumental da performance do candomblé que a pesquisa documental retornou: Garcia (1996), Braga (1997), Cardoso (2001), Garcia (2001), Fonseca (2003), Cardoso (2006), Vasconcelos (2010), Portugal (2013), Santos (2013), Candemil (2017), Conto Lunelli (2017), Tamarit (2017), Berruezo (2017), Malagrino (2017), Gama (2019), Amaro (2019), Castro (2019), Sampaio (2020), Silva (2019), Candemil (2021).

Uma primeira análise mostrou dois pontos caros ao nosso debate: 11 desses 20 trabalhos em volta da performance instrumental do candomblé foram defendidos durante ou depois do ano de 2017, ou seja, pesquisas concluídas há menos de seis anos. Olhando para este dado desde um outro ângulo, podemos ver que em relação à performance instrumental, antes da segunda década do século XXI o total de pesquisas realizadas e defendidas por pós-graduandos

---

<sup>6</sup> Lühning (2022), publicou recentemente uma versão traduzida da sua tese de doutorado, defendida no final da década de 1980 na Alemanha, na qual acrescentou um excelente posfácio em que podem ser encontradas outras referências a esse respeito. Há ainda uma extensa revisão bibliográfica sobre as religiões afro-brasileiras realizada pelos Profs. Reginaldo Prandi e Carlos Eugênio Marcondes de Moura (disponível no site pessoal do Prof. Reginaldo Prandi, <https://bit.ly/3ZYB9Pi>) onde podem ser encontradas outras referências complementares.

no conjunto das universidades públicas brasileiras representou menos do 1% (algo em torno do 0,84%) do total de trabalhos escritos sobre candomblé e o resto de religiosidades afro-brasileiras. Além disso, desses 20 trabalhos, somente um foi escrito por uma pesquisadora preta.

À vista dos resultados dessa primeira pesquisa, decidi realizar uma segunda busca em algumas das principais publicações brasileiras sobre música (desta vez, considerando que todas são revistas científicas do âmbito musical, utilizamos somente o descritor “candomble” para localizar trabalhos publicados). Foram analisadas dezesseis revistas, selecionadas a partir da listagem sugerida e disponível site do PPGM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) contendo os quinze principais periódicos sobre música de âmbito brasileiro<sup>7</sup>. Nesse caso, foram localizados somente 11 trabalhos: quatro trabalhos publicados na revista OPUS (CANDEMIL, 2019a; CANDEMIL, 2020a; LÜHNING, 2020; PALMEIRA, 2021); um trabalho na revista DAPesquisa (MARTINS JUNIOR; FIAMINGHI, 2011); três trabalhos na revista ORFEU (GRAEFF, 2018; CANDEMIL, 2020b; AMARO, 2020); um trabalho na Revista Brasileira de Música (SANTOS, J., 2020); um trabalho na revista Música e Cultura (FONSECA, 2013) e um trabalho na revista ICTUS (VATIN, 2001). Analisando os resultados se repete um padrão semelhante ao observado no exercício anterior: 8 dos 11 trabalhos foram publicados depois do ano de 2018; e em relação à identificação racial, todos os trabalhos foram realizados por pesquisadoras e pesquisadores brancos ou não-negros.

Um tempo depois, após o meu doutoramento, retomei meu interesse por conhecer o estado do campo de estudos relativo às artes musicais candomblecistas e afroreligiosas no Brasil, e decidi complementar as pesquisas anteriores com uma outra aproximação revisando os 23 anais dos Encontros nacionais da ANPPOM disponíveis no site oficial da instituição<sup>8</sup> – os quais, com algumas lacunas, abarcam desde 1990 até a presente data. A pesquisa realizada no dia 24 de julho de 2023 retornou 35 trabalhos relativos às religiosidades afro-brasileiras dentre um total de 4.830 (um 0,73% do total), dos quais 8 tinham relação direta com o candomblé, mas somente 5 (um 0,1% do total) focaram na sua performance sonoro-instrumental. Em relação à identificação racial dos e das autoras, são todos brancos (ou não-

<sup>7</sup> Baseamos nossa busca na sugestão publicada no site da UFRJ (<https://ppgm.musica.ufrj.br/periodicos-academicos-de-musica/>), sendo estes: Journal of New Music Research; OPUS (ANPPOM); Per Musi; Música Hodie; Art Research Journal; Revista Vórtex; DaPesquisa; Revista Debates; Revista Interfaces; Art Music Review; Música em contexto; Música Theorica; NUSMAT – Revista Brasileira de Música e Matemática; Revista Música; Revista Música e Cultura (ABET); Revista ORFEU; Revista Brasileira de Música e Revista Interlúdio. Acrescentamos também, no nosso caso, a Revista da ABEM.

<sup>8</sup> <https://anppom.org.br/congressos/anais/>.

pretos) a exceção de um deles. No que se refere aos anos de apresentação das pesquisas e/ou artigos, não há uma divisão tão clara como nos casos anteriores. Encontrei: 2 trabalhos na XII edição do encontro (BRAGA, 1999; LUCAS, 1999); 2 trabalhos na XIII edição (LACERDA, 2001; CAMBRIA, 2001); 1 trabalho na XIV edição (QUEIROZ, 2003); 6 trabalhos na XV edição (CARDOSO, 2005; TEIXEIRA JÚNIOR, 2005; ROSA, 2005; BORGES, 2005 e LIRA, 2005); 2 na XVI edição (BORGES, 2006 e BRUM, 2006); 1 trabalho na edição XVIII (BORGES, 2008); 3 na edição XIX (DINIZ, 2009; DINIZ, 2009b e CHADA, 2009); 2 na edição XXII (CANDEMIL; PAIVA, 2012 e CUNHA; HASHIMOTO, 2012); 1 na edição XXVI (MAIA; ADOUR DA CÂMARA, 2016); 1 na edição XXVII (MAIA; ADOUR DA CÂMARA, 2017); 3 trabalhos na edição XXVIII (CASTRO, 2018; PALMEIRA, 2018 e SÁ; CHAIB, 2018); mais 3 na edição XXIX (ESPINHEIRA, 2019; CANDEMIL, 2019b e LYRA; ADOUR DA CÂMARA, 2019); 2 na edição XXX (DUARTE, 2020 e SOARES, 2020); e finalmente 6 trabalhos na edição XXXI (CUNHA, 2022; TAMARIT, 2022; FERREIRA, 2022; LOPES, 2022; SANTANA JÚNIOR, 2022 e PALMEIRA, 2022).

Frente a tudo isso, independentemente de não haver um padrão exatamente repetido nos três casos, há sim uma evidente invisibilização e falta de interesse e/ou espaço institucional do candomblé e suas artes musicais entre os pesquisadores e pesquisadoras brasileiros nas instâncias de ensino musical de nível superior – mesmo sendo uma das maiores e mais influentes “matrizes” das musicalidades populares contemporâneas.

## Considerações finais

Como escreveu o ativista e produtor cultural carioca Júlio Barroso (BARROSO, 2017), a chamada MPB – comumente acrônimo para “Música Popular Brasileira” – deveria ser entendida (nos últimos anos ou quiçá décadas) como “Música Preta Brasileira”: uma música produzida desde os recôncavos e periferias por e para pretos, mas que conseguiu – não sem muito sofrimento – abrir espaços e ganhar certo protagonismo e atenção do mercado situando muitos dos e das suas artistas no patamar mais alto da cultura de massa nacional e internacional.

No entanto e de forma paradoxal, mesmo com essa crescente popularidade e visibilidade, vemos a partir dos três exercícios de pesquisa propostos acima que as matrizes afrodescendentes das quais surgiram essas produções contemporâneas altamente tecnificadas e criativamente reconfiguradas permanecem invisíveis e pouco ou nada discutidas no âmbito de

pesquisa musical de nível superior. De fato, não somente são produzidas poucas pesquisas, como muitas vezes não são divulgadas nem têm espaço para serem discutidas criticamente.

Diante disso, creio que seja fundamental ir além da mera descrição e aprofundar nas dinâmicas de sentido, nas epistemologias, nas cosmologias e nas tecnologias musicais próprias desses universos – notadamente negro-africanos e pindorâmicos – como uma forma de recuperar e densificar as discussões em volta desse legado presente e futuro. É preciso “levar a sério” suas lógicas, sentidos e universos próprios, e elevá-los ao máximo grau de abstração, pesquisa e discussão em qualquer âmbito de pesquisa – dentro e fora da academia. Mas para isso – e diante do cenário que desenham as pesquisas anteriores – acredito que faltaria ainda no cenário brasileiro, como aponta Kofi Agawu (2003) de forma geral, sistematizar e focar nossos esforços para produzir e trabalhar sobre um acervo documental amplo e robusto o suficiente para ser contrastado: uma “biblioteca básica” com a qual consubstanciar nossas discussões sobre músicas africanas e afrodiáspóricas para além de discussões “expressionistas” e muitas vezes superficiais sobre suas performances ou meras catalogações dos seus repertórios. Acredito, portanto, que devemos caminhar para a consolidação, aos poucos, de espaços de discussão transdisciplinares, plurais e racialmente diversos, mas mantendo o protagonismo do lado de quem vive, de quem faz e de quem produz a cultura.

Pra finalizar, acredito que após quase uma década, ficou evidente o profundo impacto que as ações afirmativas de caráter estrutural como as cotas raciais, o PROUNI ou outros programas de âmbito local/regional semelhantes tiveram na diversificação dos quadros discentes. Devemos também destacar o potencial integrador e pluralizador de programas como o chamado “Encontro de Saberes” – presente em diversas universidades a partir do modelo promovido pelo INCTI (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino e na Pesquisa) da UnB, que possibilita a contratação de “mestres” das culturas populares como professores visitantes, recebendo o mesmo salário que outros membros da equipe docente – ou a entrega de distinções como o “Notório Saber” para músicos, produtores e lideranças do âmbito popular. No entanto, não podemos nos iludir perante a flagrante desigualdade ainda presente nos quadros docentes e nos postos diretores dentro das escolas e conservatórios.

Neste sentido, celebro a incorporação do *ogã alagbê* soteropolitano Iuri Ricardo Passos como professor efetivo da EMUS/UFBA como um verdadeiro marco no caminho para estabelecer espaços de ensino musical “pluriversos” (RAMOSE, 2011) e um modelo para tentar reconfigurar nossas instituições de acordo com a real diversidade que compõe nossa sociedade.



## Referências

ALVARENGA, Oneyda. A influência negra na música brasileira. **Boletim Latino Americano de Música**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 6, p. 357-407, 1946.

AMARO, Vinicius Borges. **Candomblé, ritmo e criação**: um olhar para o compor pautado em um estudo cultural. Orientador: Prof. Dr. Paulo Costa Lima. 2019. 439 p. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ZyzvDJ>. Acesso em: 11 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Composição de interface com etnomusicologia: uma perspectiva materializada em 5 obras contemporâneas. **Orfeu: Dossiê Poéticas da Composição Contemporânea**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 463-518, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3U1kbOK>. Acesso em: 7 maio 2021.

BARCELLOS, Mario Cesar. **Jamberesu**: as cantigas de Angola. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1998. 122 p.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **A fogueira de Xangô, o orixá do fogo**: uma introdução à música sacra afro-brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009a. 256 p.

\_\_\_\_\_. **O banquete do rei - Olubajé**: uma introdução à música sacra afro-brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009b. 184 p.

BARROSO, Júlio. A nova geração da MPB (Música Preta Brasileira). **Agência de Notícias das Favelas**, Rio de Janeiro, 4 dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/47h5zRw>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BÉHAGUE, Gerard Henri. Correntes regionais e nacionais na música do candomblé baiano. **Afro-Ásia**: Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais, Salvador, BA, n. 12, p. 129-140, 1976. Disponível em: <http://bit.ly/3KrXwqC>. Acesso em: 15 jul. 2016.

BÉHAGUE, Gerard Henri. Patterns of Candomblé Music Performance: An Afro-Brazilian Religious Setting. In: BÉHAGUE, Gerard Henri (ed.). **Performance Practice: Ethnomusicological Perspectives**. Westport, CT: Greenwood Press, 1984. p. 222–254.

\_\_\_\_\_. Afro-Brazilian Traditions. In: OSLEN, Dale A.; SHEEHY, Daniel E. (ed.). **The Garland Handbook of Latin American Music**. 2. ed. New York: Routledge, 2008. p. 352-370.

BENISTE, José. **As Águas de Oxalá**: Àwọn omi Òṣàlá. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 336 p.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresarias e no poder público. Orientador: Profa. Dra. Iray Carone. 2002. 169 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3D3gpvr>. Acesso em: 3 nov. 2020.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 155 p.

BERRUEZO, Luna Borges. **O candomblé angola em São Paulo**: Simbologia dos instrumentos rituais sagrados e as musicalidades de matriz Bantu na metrópole. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Gomes da Silva. 2017. 166 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, 2017.

BORGES, Mackely Ribeiro. Gira de Escravos na Umbanda de Salvador- BA. *In: Anais do XV Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005, p. 194-200. Disponível em: <https://bit.ly/3rUHNKR>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. Umbanda e Candomblé: Pontos de Contato em Salvador – BA. *In: Anais do XVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Brasília, DF: ANPPOM, 2006, p. 226-231. Disponível em: <https://bit.ly/47iBnFw>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. Sessão de Consultas e Passes: continuidade e mudança no contexto umbandista soteropolitano. *In: Anais do XVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Salvador, BA: ANPPOM, 2008, p. 177-181. Disponível em: <https://bit.ly/3Ont999>. Acesso em: 24 jul. 2023.

BRAGA, Reginaldo Gil. **Batuque Jêje-Ijexá em Porto Alegre**: a música no culto aos orixás. Orientador: Profa. Dra. Ângela Elisabeth Lühning. 1997. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 1997.

\_\_\_\_\_. Trajetórias Religiosas e Musicais de Três Tamboreiros de Nação. *In: XII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 1999, Salvador, BA. *Anais* [...]. Salvador, BA: [s. n.], 1999.

BRUM, Marcelo. Presença de Elementos Afro-Religiosos na Literatura Pianística Brasileira. *In: Anais do XVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Brasília, DF: ANPPOM, 2006, p. 671-674. Disponível em: <https://bit.ly/47bOR5Y>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CALABRICH, Selma; SILVA, Gerson; YAÑEZ, José Francisco Izquierdo. **Afrobook**: mapeamento dos ritmos afro-baianos. 1. ed. Salvador, BA: Associação Pracatum Ação-Social, 2017. v. 1.

CAMBRIA, Vincenzo. O Uso do Agogô na Música do Candomblé. *In: Anais do XIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Belo Horizonte: ANPPOM, 2001, p. 584-578. Disponível em: <https://bit.ly/3Ks5mkI>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CANDEMIL, Luciano da Silva. **As linhas-guia das melodias do candomblé Ketu:** reconstrução das transcrições de Camargo Guarnieri. Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Fiamminghi. 2017. 226 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Curso de Pós-Graduação em Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/42YjxW8>. Acesso em: 11 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. Panorama das pesquisas sobre a música do candomblé. **Revista Opus:** Revista eletrônica da ANPPOM, [recurso eletrônico], v. 25, n. 1, p. 94-120, jan/abr 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/3Zw9cho>. Acesso em: 22 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Por que a linha-guia é uma linha-guia? *In: Anais do XXIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Pelotas: ANPPOM, 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/3s0LxL2>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. Reconstrução das melodias do candomblé ketu nº 194 e 201 da Coleção Camargo Guarnieri a partir do conceito de linha-guia. **Revista Opus:** Revista eletrônica da ANPPOM, [online], v. 26, n. 2, mai/ago 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/3zk0W9E>. Acesso em: 25 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Ressonâncias históricas das religiões afro-brasileiras em santa catarina: Florianópolis, Itajaí e Joinville. **Orfeu:** [Dossie Teoria e História], Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 503-533, dez 2020b. Disponível em: <http://bit.ly/3U7wfxV>. Acesso em: 24 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. **A percussão do candomblé ketu em Santa Catarina:** uma narrativa mitológica musical e extramusical. Orientador: Prof. Dr. Ernesto Frederico Hartmann Sobrinho. 2021. 365 f. Tese (Doutorado em Música) - Curso de Pós-Graduação em Música, Departamento de Artes e Música, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3TXcskJ>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CANDEMIL, Luciano da Silva; PAIVA, Rodrigo Gudin. Recital batuque afro-brasileiro. *In: Anais do XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. João Pessoa: ANPPOM, 2012, p. 1968-1976. Disponível em: <https://bit.ly/3OJ977S>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CARDOSO, Ângelo Nonato Natale. **Mito, ritmo e dança no candomblé em Belo Horizonte.** Orientador: Profa. Dra. Elizabeth Travassos. 2001. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem no candomblé: inovações e pluralidade. *In: Anais do XV Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005, p. 712-719. Disponível em: <https://bit.ly/3OJUlhi>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. **A linguagem dos tambores.** Orientador: Profa. Dra. Angela Elizabeth Lühning. 2006. 402 p. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós- Graduação em Música/Etnomusicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3IvfZQN>. Acesso em: 6 abr. 2015.

CARDOSO, Lourenço Conceição. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional: a branquitude acadêmica: volume 2. 1. ed. Curitiba, PR: Appris Editora, 2020. 355 p.

\_\_\_\_\_. A branquitude acadêmica, a invisibilização da produção científica negra, a autoproteção branca, o pesquisador branco e o objetivo-fim. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 47, p. 1-24, jan/dez 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3C9u6d0>. Acesso em: 9 mar. 2023.

CARVALHO, José Jorge de. **Ritual and Music of the Shango Cults of Recife, Brazil**. Orientador: Prof. Dr. John Blacking. 1984. Tese (Doutorado em etnomusicologia) - The Queen's University, Belfast, IR, 1984.

\_\_\_\_\_. **Cantos sagrados do Xangô do Recife**. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993. 196 p.

CARVALHO, José Jorge de; SEGATO, Rita Laura. **El culto Shangó en Recife, Brasil**. 1. ed. Caracas, VE: Centro Nacional de Cultura (CONAC), Centro para las culturas populares y tradicionales, 1987. 64 p.

CASTRO, Tainá Menezes. **O ritmo dos Orixás**: os toques da nação Xambá (Olinda, PE) pelos seus tocadores. Orientador: Prof. Dr. Eduardo de Lima Visconti. 2019. Dissertação (Mestrado em Música, Cultura e Sociedade) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2019.

\_\_\_\_\_. Nação Xambá: identidade negra, tradição religiosa e estratégias de difusão da sua cultura. In: **Anais do XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. Manaus: ANPPOM, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/47j7hSo>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CHADA, Sonia. O Candomblé como foco cultural gerador de música na cidade de Salvador. In: **Anais do XIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. Curitiba: ANPPOM, 2009, p. 412-414.

CONTO LUNELLI, Diego. **Performance e religiosidade**: ritmo, canto e poesia oral nos rituais de Batuque e Umbanda em Caxias do Sul/RS. Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade / UCS, Caxias do Sul, RS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3KHd4b7>. Acesso em: 7 jan. 2022.

CUNHA, Hélio; HASHIMOTO, Fernando. Relações entre as estruturas rítmicas do samba carnavalesco, samba de roda e cabula. In: **Anais do XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. João Pessoa: ANPPOM, 2012, p. 2012-2019. Disponível em: <https://bit.ly/3OJ977S>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CUNHA, Tiago Scaramella de Azevedo. Desci, desci, a umbanda me chamou: iniciação e aprendizado na Tenda de Umbanda Cruzeiro de Luz. In: **Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. João Pessoa (online): ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3DJciGg>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DINIZ, Flávia. Reflexões para uma Pesquisa Etnomusicológica em Expressões Culturais Afro-Brasileiras. *In: Anais do XIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Curitiba: ANPPOM, 2009, p. 338-341. Disponível em: <https://bit.ly/3DGuXm6>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. Trânsito de Elementos Musicais entre o Culto ao Caboclo, o Samba de Roda e a Capoeira Angola. *In: Anais do XIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Curitiba: ANPPOM, 2009, p. 342-346. Disponível em: <https://bit.ly/3DGuXm6>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Gentilismos e assimilação nas práticas musicais religiosas de duas congregações de africanos Mina no Rio de Janeiro no século XVIII: os casos de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz e Francisco Alves de Souza. *In: Anais do XXX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Manaus: ANPPOM, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/441TLzz>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ESPINHEIRA, Alexandre Mascarenhas. Geração de material pré-compositivo a partir de ritmos tradicionais: O time-point reverso e a série Orixás. *In: Anais do XXIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Pelotas: ANPPOM, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3OhoW4e>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FERREIRA, Diogo Rodrigues Lopes. Cultura de tradição oral e desterritorialização: interlocuções musicais na cultura de tradição oral da Nação Xambá. *In: Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. João Pessoa (online): ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/44SQkMV>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. **O Toque do Gã**: tipologia preliminar das linhas-guia do candomblé Ketu-Nagô no Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo de Oliveira Sampaio. 2003. 155 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Edison Carneiro na Tenda de Maria Conga em 1962. **Revista Música e Cultura**: revista da ABET, [recurso eletrônico], v. 8, n. 1, p. 86-108, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3nCvQY9>. Acesso em: 10 fev. 2022.

GAMA, Heitor Schmid Zaghetto. **O Fundamento e seus instrumentos**: Som e força em um terreiro de candomblé jeje no Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Vincenzo Cambria. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.

GARCIA, Sonia Maria Chada. **A Música dos Caboclos**: O Ilê Axé Dele Omi. Orientador: Prof. Dr. Manuel Vicente Ribeiro da Veiga Júnior. 1996. 245 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, 1996.

GARCIA, Sonia Maria Chada. **O surgimento do repertório musical dos caboclos no seio do culto aos orixás, em Salvador da Bahia.** Orientador: Prof. Dr. Manuel Vicente Ribeiro da Veiga Júnior. 2001. 250 p. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3DGuXm6>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GRAEFF, Nina. Singing by and with heart: embodying Candomblé's sensuous knowledge through songs and dances in Berlin. **Orfeu: Dossiê A Música na Diáspora Africana da América Latina**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 44-71, dez 2018. Disponível em: <http://bit.ly/42Wuurv>. Acesso em: 28 jan. 2022.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: Racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, ed. Dossiê Decolonialidade e Perspectiva Negra, p. 25-49, Jan/Abr 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3vv10CC>. Acesso em: 20 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento Afrodiaspórico**. 2, 1ª reimpressão. ed. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2019. v. Coleção Cultura Negra e Identidade, p. 55-78.

GUERRA-PEIXE, César. **Estudos de folclore e música popular urbana**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HERSKOVITS, Melville Jean. Drums and Drummers in Afro-Brazilian Cult life. **The Musical Quarterly**, Oxford, UK, v. 30, n. 4, p. 477-492, out 1944. Disponível em: <http://bit.ly/41d7m66>. Acesso em: 21 out. 2015.

HERSKOVITS, Melville Jean; WATERMAN, Richard Alan. Musica de culto afrobahiana. **Revista de Estudios Musicales**, Mendoza, AR, ano 1, n. 2, p. 66-128, 1949. Disponível em: <https://bit.ly/3KrVGWK>. Acesso em: 15 out. 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 249 p.

LACERDA, Marcos Branda. Música de Culto Nagô-Iorubá e a Bar Form. In: **Anais do XIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]**. Belo Horizonte: ANPPOM, 2001, p. 308-315. Disponível em: <https://bit.ly/3Ks5mkI>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LIRA, Radamir. Awá Korin – Nós cantamos: Um estudo do repertório dos cantos de prosperidade no candomblé de matriz Ijexá. In: **Anais do XV Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]**. Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005, p. 454-461. Disponível em: <https://bit.ly/3KtOcmY>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LODY, Raul Giovanni da Motta; SÁ, Leonardo. **O atabaque no candomblé baiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Folclore/Instituto Nacional de Música, 1989. 60 p.

LOPES, Rogerio Barroso. Uma reflexão decolonial sobre práticas da educação musical: o ijexá na escola. In: **Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. João Pessoa (online): ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/43VAAr9>. Acesso em: 24 jul. 2023.

LUCAS, Glaucia. O Ritual dos Ritmos no Congado Mineiro dos Arturos e do Jatobá. In: **Anais do XII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. Salvador, BA: ANPPOM, 1999.

LÜHNING, Ângela. **A música no candomblé nagô-ketu**: estudo sobre a música afro-brasileira em Salvador, Bahia [Trad. Raul Oliveira]. Orientador: Josef Kuckertz. 1990a. Tese (Doutorado em Vergleichende Musikwissenschaft) - Freie Universität Berlin, Berlin, Germany, 1990.

\_\_\_\_\_. Eunice Katunda e Pierre Verger: documentações pessoais, processos criativos e diálogos afro-brasileiros nos anos 1950 e 1960. **Revista Opus**: Revista eletrônica da ANPPOM, [recurso eletrônico], v. 26, n. 1, p. 1-29, jan/abr 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3MqpTrx>. Acesso em: 18 maio 2022.

LYRA, Eduardo Fonseca de Brito; ADOUR DA CÂMARA, Andrea Albuquerque. Em mironga de moça branca tem o quê?. In: **Anais do XXIX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. Pelotas: ANPPOM, 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/3KogoqX>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MAIA, Jonas dos Santos; ADOUR DA CÂMARA, Andrea Albuquerque. Africanias na canção *Abá-Logúm* de Waldemar Henrique. In: **Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. Belo Horizonte: ANPPOM, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/4571Cja>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. Abaluaiê: africanias na canção de Waldemar Henrique. In: **Anais do XXVII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** [...]. Campinas: ANPPOM, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Oo5uTr>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MALAGRINO, Leonardo França. **Os ritmos no candomblé de Nação Angola**: a música do templo de cultura Bantu Redandá. Orientador: Prof. Dr. Hugo Leonardo Ribeiro. 2017. 111 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação Música em Contexto do Departamento de Música da Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3KkWH2F>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MARTINS JÚNIOR, Jylson J.; FIAMINGHI, Luiz Henrique. Relato da criação de arranjos para violão e voz a partir de matrizes Afro-brasileiras encontradas em Mário de Andrade. **DAPesquisa**: Periódico de Artes Cênicas, Artes Visuais, Música, Design e Moda, UDESC, Florianópolis, v. 6, n. 8, p. 450-469, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3zPdJ3S>. Acesso em: 26 dez. 2021.

MERRIAM, Alan Parkhurst. Songs of the Ketu cult of Bahia, Brazil. **African Music: Journal of the International Library of African Music**, Makhanda, ZA, v. 1, n. 3, p. 53-67, 1956. Disponível em: <https://bit.ly/3GsVfKp>. Acesso em: 21 nov. 2015.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço Conceição (org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. 1. ed. Curitiba, PR: Appris Editora, 2017. 335 p.

NZEWI, Meki. **African music: Theoretical Content and Creative Continuum: The Culture-Exponent's Definitions**. 1. ed. Oldershausen: Insittut für Didaktik populärer Musik, 1997. 84 p.

OLIVEIRA, Altair Bento de. **Cantando para os Orixás**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. 168 p.

PALMEIRA, Rafael Souza. Particularidades e universalidades do candomblé: a “unidade sem uniformidade” aplicada à música ketu. **Revista Opus: Revista eletrônica da ANPPOM**, [recurso eletrônico], v. 27, n. 2, mai/ago 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3msTiqq>. Acesso em: 21 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. Coordenação motora na bateria e ritmos afro-brasileiros: possibilidades de estudos a partir do Agueré. *In: Anais do XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Manaus: ANPPOM, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3s0LhM4>. Acesso em: 24 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. O estudo do monorritmo: a trajetória do mensageiro. Primeiro movimento – A partida: encontro com Ogum. Ano de composição: 2021. *In: Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. João Pessoa (online): ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/43XItn0>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PORTUGAL, Danielson Santiago. **Ritmologia nagô: delineamentos de memórias culturais nos candomblés**. Orientador: Profa. Dra. Alvanita Almeida Santos. 2013. 157 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Salvador, BA, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3zMNXgl>. Acesso em: 10 jan. 2022.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Música e religião nos grupos de Congado. *In: Anais do XIV Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Porto Alegre: ANPPOM, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/43XF7cS>. Acesso em: 24 jul. 2023.

RAMOSE, Mogobe B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. IV, p. 6-23, outubro 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3ssnzG2>. Acesso em: 17 ago. 2018.

ROSA, Laila Andresa C. Iansã, Mãe Biu e a busca pelo “eu” nacional em terra estrangeira - Sincretismo religioso, compartilhamentos musicais e gênero a partir de uma toada de Iansã. *In: Anais do XV Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005, p. 739-748. Disponível em: <https://bit.ly/3DP9yHj>. Acesso em: 24 jul. 2023.



SÁ, Érica Pereira de; CHAIB, Fernando Martins de Castro. Incorporando polirritmias através da prática de ritmos afro-brasileiros. *In: Anais do XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Manaus: ANPPOM, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/47gi27X>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SAMPAIO, Yasmin Estrela. **Entre o Órum e o Ayé: os atabaques como reflexo da cosmovisão iorubá no terreiro Ilê Asé Iyá Ogunté**. Orientador: Profa. Dra. Taissa Tavernard de Luca. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Belém, PA, 2020.

SANTANA JÚNIOR, José Balbino. DUB para Oxum. *In: Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. João Pessoa (online): ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Kxjn0r>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SANTOS, Eliane Pinheiro. **A performance musical no culto a Obaluayê: uma abordagem antropológica**. Orientador: Prof. Dr. Xavier Gilles Vatin. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2013.

SANTOS, José Vianey dos. O oratório Candomblé de José Siqueira: do ritual religioso à obra de arte universal. **Revista Brasileira de Música: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ (PPGM-UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 539-564, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3lVTqi2>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SANTOS, Maria Stella Azevedo dos. **O que as folhas cantam: (para quem canta folha)**. PEIXOTO, Graziella Domini (ed.). 1. ed. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2014. 272 p.

SCHUCMAN, Lia Vainer; IBIRAPITANGA (org.). **Branquitude: Diálogos sobre racismo e antirracismo**. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2023. 216 p.

SILVA, Sérgio Ricardo Soares da. **Concepções e proposições para execução do toque Alujá para Xangô na bateria a partir de um estudo na Nação Xambá**. Orientador: Prof. Dr. Cleber da Silveira Campos. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3KpLv4G>. Acesso em: 11 jan. 2022.

SOARES, Leonardo dos Santos Silva. Elementos afro-indígenas na canção Foi Bôto, Sinhá! de Waldemar Henrique. *In: Anais do XXX Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música* [...]. Manaus: ANPPOM, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/47i0Mzi>. Acesso em: 24 jul. 2023.

TAMARIT, Ferran. **Tocar e ser tocado. Cantar e encantar: Música, trânsitos e relatos de uma vida no candomblé**. Orientador: Prof. Dr. Vincenzo Cambria. 2017. 212 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Letras e Artes/Instituto Villa-Lobos (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Mci7iH>. Acesso em: 24 dez. 2017.

TAMARIT, Ferran. Uma musicologia em “ferro” e “couro”: uma revisão candomblé-orientada dos “toques” da nação ketu. *In: Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. João Pessoa (online): ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Om6pDY>. Acesso em: 24 jul. 2023.

TEIXEIRA JÚNIOR, José Carlos. A música umbandista e o mercado religioso carioca – uma abordagem etnomusicológica. *In: Anais do XV Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música [...]*. Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005, p. 477-483. Disponível em: <https://bit.ly/44Y5wbU>. Acesso em: 24 jul. 2023.

VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. **Axé, Orixá, xiré e música**: Estudo de música e performance no candomblé queto na Baixada Santista. Orientador: Prof. Dr. José Roberto Zan. 2010. 251 p. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3KokLl9>. Acesso em: 7 jan. 2022.

VATIN, Xavier Gilles. Música e transe na Bahia: As Nações de Candomblé abordadas numa perspectiva comparativa. **ICTUS**: Periódico do PPGMUS - UFBA, Salvador, BA, v. 3, p. 7-17, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3dojwmy>. Acesso em: 28 out. 2020.